

a nova carta das localizações cerebrais, de kleist



A ideia de que a cada função corresponde, no cérebro, uma certa zona encarregada de efectivar essa função, pertence, em primeiro lugar, ao italiano Gall, fundador do que chamou a *organologia* e hoje se chama *frenologia*, pretensa ciência pela qual se reconheceriam, segundo o autor, as diversas disposições intelectuais e morais do homem e dos animais pela configuração das suas cabeças». A frenologia ensinava que ao maior ou menor desenvolvimento duma dada zona cerebral correspondia uma maior ou menor disposição intelectual dada; daqui nasceu a relação entre a «bossa» craneana e a função ou disposição psíquica, e assim se pretendeu chegar ao conhecimento dos homens pelo exame das suas bossas.

A frenologia, baseada em dados excessivamente arbitrários, não podia subsistir, e o próprio Gall assistiu à derrocada do seu fantástico sistema. Porém, e por muito fantástica que a frenologia pareça, o certo é que abriu uma nova era na história dos estudos cerebrais, chamando a atenção dos investigadores para este facto hoje indiscutível: a determinadas zonas cerebrais correspondem determinadas funções, e *vice versa*, cada função tem, no cérebro, uma determinada zona que lhe está adstricta (1).

Uma multidão de neurologistas e anatomistas se lançou então ao trabalho de localizar as funções no cérebro. Justo é que citemos, entre os mais célebres, Dax, Pierre Marie, Broca, Wernicke, Grasset, Déjerine, Head, von Monakow, Goldstein e ultimamente Kleist.

Foi principalmente durante e depois da grande guerra de 1914-1918 que esta questão das localizações cerebrais progrediu extraordinariamente, visto que o princípio

fundamental em que se fundam todos os métodos para o estabelecimento das localizações, consiste em pesquisar quais as funções perturbadas num indivíduo que apresenta lesões ou destruições desta ou daquela zona do cérebro. A guerra forneceu inúmeros feridos em condições vantajosas para esta pesquisa, e representou assim, no domínio da neurologia, como em tantos outros, o importante papel dum vasto campo de experiência.

Tôda a importância foi dada à camada exterior do bloco encefálico, ao *cortex* ou *manto cerebral*, e é sobre êle que se marcam zonas e pontos que a experiência ou o exame anátomo-clínico autorizam a julgar correspondentes a determinadas funções. A delimitação destas zonas sobre um esquema representativo do cortex total constitue uma *carta das localizações cerebrais*, e o leitor, naturalmente, deseja saber como se levantam tais cartas.

Não é coisa que possa explicar-se em meia dúzia de linhas, nem em meia dúzia de páginas, sobretudo a um leigo em matéria de anatomia, histologia e embriologia, ciências que, associadas à clínica neurológica e psiquiátrica, teem fornecido os preciosos elementos de que os autores se servem. Podemos contudo dar uma ideia rápida e superficial do método base: o método anátomo-clínico.

Suponhamos que um indivíduo sofre um acidente com fractura do crâneo por cima da orelha esquerda, e suponhamos que foi imediatamente socorrido. Dias depois, êsse ferido apresenta uma paralisia do membro superior direito, de que não cura, e depois de morto, por qualquer razão, é autopsiado. Verifica-se então, que uma porção da parte média da circunvolução frontal ascendente esquerda está destruída por uma esquirola

(1) Isto, é claro, esquematicamente.